

MIAMI ARTSY

Destino jet-setter de fim de ano, Miami abriga a Art Basel Miami Beach. A ForbesLife Fashion separou quatro artistas brasileiros em destaque por lá para guiar quem se prepara para curtir a maior feira de arte norte-americana

POR CAROLLINA LAURIANO

Fechando o intenso e concorrido calendário global de feiras de arte em 2024, a agitada e *jet-setter* Art Basel Miami Beach reunirá, de 6 a 8 de dezembro – com abertura vip nos dias 4 e 5 –, 283 estandes representando galerias de arte internacionais da América do Norte, América Latina, Europa, África e Ásia.

Esta será a primeira edição liderada por Bridget Finn, ex-galerista que foi contratada para atuar como diretora da feira no ano passado. Em 2024, serão 32 novos expositores estreando na feira, o maior grupo de recém-chegados ao Centro de Convenções de Miami Beach desde 2008. São 25 galerias exibidas no setor principal da feira pela primeira vez, traçando um caminho mais equitativo para a participação de pequenas e médias galerias, não só no setor principal, mas também nos cinco setores curados da exposição: Meridians, Nova, Positions, Survey e Kabinett.

E claro que as galerias brasileiras não estão fora dessa lista. Este ano, 17 espaços participarão da feira, posicionados entre o setor principal e os setores curados, de que eu particularmente gosto mais, porque podemos adentrar mais nas pesquisas dos artistas. Assim, a ForbesLife Fashion selecionou quatro artistas brasileiros de destaque para ficar de olho durante a exposição. Confira.



MAHKU – MOVIMENTO DE ARTISTAS HUNI KUIN – Carmo Johnson Projects, Setor Positions

Movimento dos artistas Huni Kuin do Acre, o MAHKU pinta cantos e mitos relacionados à sua ancestralidade. Traduz e transforma em imagens os cantos Huni Meka, a cerimônia de consagração da medicina ayahuasqueira. Esses cânticos, por sua vez, são caminhos que colocam os participantes nos rituais de ayahuasca em relação com a alteridade. O MAHKU desenha, portanto, uma relação de tecnologia, em pinturas que são pontes para o mundo não indígena.

A prática do MAHKU é expressa na sua declaração “Vende tela e compra terra”. Nos últimos 10 anos, o MAHKU protege o *nixi pae* por meio do desenvolvimento de uma prática artística contemporânea que é simultaneamente uma metodologia para salvaguardar e renovar o conhecimento ancestral Huni Kuin e uma estratégia para a recuperação territorial. Para os MAHKU, a venda de obras de arte torna-se tática para desviar o mercado da arte, a fim de comprar parcelas de terra, que são depois recuperadas para a sua comunidade.

Os caminhos do MAHKU já os levaram longe. Na recente 60ª Bienal de Veneza, o MAHKU pintou a história de Kapewë Pukeni (o mito do jacaré-ponte) no grande mural criado para a fachada do Pavilhão Central, a entrada principal localizada no Giardini.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

NADIA TAQUARY – Portas Vilaseca, Setor Nova

Em sua prática artística, Nadia investiga tradições e práticas em torno do sagrado afro-brasileiro, em particular a mulher negra e seu legado ancestral. A artista busca questionar e desconstruir as narrativas eugênicas, eurocênicas e patriarcais que há muito limitam acessos importantes a conhecimentos e entendimentos relacionados ao rico legado provindo de Áfricas pré-coloniais.

Baseada em ampla pesquisa sobre joalheria afro-brasileira, a artista iniciou seu percurso como escultora, projetando seu olhar sobre as joias de crioulas e os adornos corporais africanos, transformando esses conhecimentos em uma poética e uma estética que pretende ressignificar o imaginário acerca das religiosidades de matriz africana, criando assim espaços de liberdades para pessoas negras.

As obras de Nadia Taquary buscam uma visão mais autêntica da história, especialmente sobre o poder feminino afrodescendente. A artista transforma objetos mercantilizados, buscando resgatar suas raízes políticas e de resistência.

À esquerda, obra do MAKHU, que pinta cantos e mitos relacionados à ancestralidade Huni Kuin, originária do Acre. Abaixo, painel de Nadia Taquary, artista que investiga tradições e práticas em torno do sagrado afro-brasileiro





JOSÉ ADÁRIO DOS SANTOS – Galatéia, Setor Positions

Nascido no bairro de Caixa d'Água, em Salvador, o artista iniciou aos 11 anos o ofício de ferreiro de santo com o seu mestre e mentor Maximiano Prates. Desde então, fabrica portões, agogôs e ferramentas de santo – instrumentos de percussão e esculturas de ferro que operam uma espécie de mediação entre os homens e os deuses no candomblé.

Pela originalidade e consistência de seus objetos, José Adário passou a ser não só o escultor-ferreiro mais celebrado dos terreiros de candomblé da Bahia, mas um artista reconhecido por honrar as raízes afrodiaspóricas que povoam a cultura de sua região.

Baseado nos costumes do candomblé, nos cânones da arte lorubá e nas diferentes expressões possibilitadas pelo ferro, José Adário produz, assim, esculturas que percorrem terreiros, museus, coleções e galerias, dando vida a entidades sagradas e dialogando com a potência férrea de seus ancestrais e de Ogum, aquele que rege seu trabalho: o ferro.

FOTOS: MARCIO LIMA; DIVULGAÇÃO



RANDOLPHO LAMONIER – Verve Galeria, Setor Positions

O artista cria um trabalho que transita entre diferentes mídias, tendo como protagonista a prática em arte têxtil, pintura, vídeo e instalação. Em sua pesquisa, palavra e imagem estão sempre em diálogo e costumam versar sobre micro e macropolítica, crônicas, diários e múltiplos cruzamentos entre memória e ficção.

Em suas obras, Randolpho está constantemente abordando diversas camadas das complexidades sociais, entrando no próprio sistema para desconstruí-lo. Estratégia que o artista utiliza muito bem em sua série *Profecias*, estandartes nos quais ele apresenta, em um horizonte utópico, previsões do futuro que tocam nas questões identitárias, no nível individual e coletivo, tais como o papel das mulheres, dos negros, dos indígenas e da população LGBTQIAP+ na sociedade; jogando luz também em temas como o déficit de habitação e a exploração do trabalhador por meio de uma abordagem micropolítica.

Seu trabalho reúne um acúmulo de elementos e gestos que refletem sobre a construção de identidades individuais e coletivas. Com esse entrelaçamento entre intimidade e assuntos públicos, o artista articula um estado contínuo de reflexão e insurgência.

Acima, estandarte de Randolpho Lamonier, que aborda constantemente as complexidades sociais e questões identitárias. Na página ao lado, escultura de José Adário, celebrado por honrar as raízes afrodiáspóricas da Bahia